

Nos últimos anos tenho participado em inúmeros debates sobre literatura angolana, no Brasil, Portugal, França, Luxemburgo, Bélgica, Espanha ou Alemanha, e em quase todos sou confrontado com a mesma questão:

«Porque é que em Angola, país de muitas línguas, os escritores apenas utilizam o português?»

É difícil explicar esta situação em países, nos quais, à semelhança de Angola, coexistem no mesmo espaço geográfico diversos idiomas. Olhemos, por exemplo, para Espanha: utilizam-se no país de Cervantes quatro grandes línguas, o espanhol, o catalão, o basco e o galego, sendo o espanhol, ao mesmo tempo, um idioma nacional, língua materna de uma das etnias de Espanha, e transnacional, ou seja, é uma língua falada em todo o território. O ditador Francisco Franco tentou aniquilar as línguas étnicas de Espanha, impondo à força o uso do castelhano, mas apenas conseguiu com isso exaltar os diferentes nacionalismos. Hoje existe uma literatura espanhola em castelhano, muito forte, mas existem também vigorosas literaturas em catalão e em galego.

O mesmo se passa em diversos países africanos, com destaque para a República da África do Sul, tão perto de Angola, onde os escritores são livres de escolher entre o inglês, o africânder, o zulu, etc. Um escritor que opte pelo zulu pode sempre, mais tarde, fazer-se traduzir para inglês, idioma nacional e transnacional naquele país.

Em Angola, paradoxalmente, as línguas nacionais banto, e em particular o quimbundo, não beneficiaram em nada com a independência. Luanda foi, até finais do século XIX, uma cidade bilingue, sendo os colonos portugueses forçados a aprender quimbundo. Chegaram mesmo a publicar-se, nesse período, dois jornais em quimbundo, coisa impensável hoje, sendo frequente, por outro lado, a utilização de expressões e termos naquela língua em contos e poemas de inspiração regional. O português expandiu-se após a independência, transformando-se em apenas 25 anos na segunda mais importante língua materna de Angola, logo atrás do umbundo, e muito antes do quimbundo e do quicongo, com mais de 40 por cento de utilizadores.

Este impressionante avanço do português e a sua afirmação como única língua literária do país têm produzido uma série de efeitos perversos, dos quais, todavia, quase ninguém fala.

Forçar um escritor a trabalhar numa língua outra, que não o seu idioma materno, constitui quase sempre uma terrível violência, que se traduz por um empobrecimento, senão mesmo por uma falsificação, do universo original. Os escritores que têm o português como língua materna, e em particular os escritores de ascendência portuguesa, são, neste contexto, claramente beneficiados. Existem, é claro, existiram sempre, escritores capazes de trocar de idioma, sem traumas, sem complexos, e ainda de transformar isso numa vantagem. Vladimir Nabokov, por exemplo, transportou para o inglês o particular humor russo, jogos de palavras, efeitos sonoros, criando assim um estilo absolutamente singular. Fernando Pessoa, que viveu os primeiros anos da sua vida na África do Sul, sentia-se à vontade quer em português quer em inglês, e é óbvio que essa dupla pertença beneficiou todo o seu projecto literário.

A forma como o português se vem afirmando, enquanto idioma de poder e de domínio, contra as restantes línguas nacionais, está por outro lado a gerar resistências, mais ou menos subterrâneas, mas nem por isso menos ferozes, alimentando rancores étnicos e ameaçando a unidade nacional.

Às instituições culturais angolanas, governamentais ou não, cabe o difícil papel de inverter este quadro, promovendo a edição em línguas nacionais. Dir-me-ão que a edição de obras em idiomas étnicos não tem futuro comercial. Efectivamente, a esmagadora maioria dos angolanos alfabetizados, e que têm o hábito de ler, isto é, que compram mais de dez livros por ano, apenas fala português; e mesmo aqueles que dominam outros idiomas nacionais preferem comprar livros em português – e, se possível, em Portugal! Teremos então de pensar noutras formas de devolver a dignidade às línguas africanas de Angola, sendo evidente, porém, que todo este cenário mudará quando as crianças angolanas passarem a ser alfabetizadas nos respectivos idiomas maternos. Um bom princípio, já ensaiado pela editora Nzila, ligada à editora portuguesa Caminho, é o da

publicação de textos bilingues. Como primeiro passo, a Nzila lançou recentemente uma edição da famosa novela de Manuel Rui Monteiro, *Quem Me Dera Ser Onda*, traduzida para umbundo por Almerindo Jaka Jamba. Esperemos que comece em breve a fazer o inverso, isto é, a lançar textos originais em línguas banto, acompanhados pela respectiva tradução portuguesa, assinada, se possível, por figuras respeitadas da literatura angolana.

A literatura é um bom investimento. Um romance angolano pode sensibilizar mais gente, no mundo inteiro, para a situação, por exemplo, das vítimas de minas do que qualquer campanha internacional. Jorge Amado fez mais pela indústria do turismo em Salvador da Baía, com um único dos seus livros, do que todas as agências de viagens juntas. No caso de Angola, acredito que a literatura só se conseguirá desenvolver em toda a sua plenitude a partir do momento em que seja possível aos Angolanos transmitirem o seu testemunho, as suas tradições, a sua particular visão do mundo na língua dentro da qual cresceram.